

# O convivialismo no Brasil e na Índia

---

Frédéric Vandenberghe<sup>1</sup>  
IESP-UERJ

## I

O Manifesto Convivialista pertence a todos e a ninguém.<sup>2</sup> Qualquer pessoa que queira difundir sua mensagem e agitar sua bandeira pode fazê-lo. Como qualquer empreendimento cooperativo, o convivialismo, para crescer, depende de entusiasmo e de generosidade. Para transformar o Manifesto em um movimento nacional-convivialista é preciso um empreendedor moral, uma ética da convicção e, sem dúvida, uma agenda de endereços a ser bastante divulgada no meio acadêmico e na sociedade civil. Seria preciso um Paulo Henrique Martins, representante do MAUSS no Brasil, ou até mesmo um Marc Humbert!<sup>3</sup> Quanto a mim, não tenho sequer um celular...

No entanto, se tomei a iniciativa de traduzir o Manifesto em português e se tive alguma participação em sua edição no Brasil, foi apenas porque me deixei capturar por seu Espírito (por seu *hau*<sup>4</sup>). Grande líder do convivialismo, Alain Caillé havia me convidado a assinar o manifesto e me juntar à iniciativa, mesmo que eu não tivesse contribuído para sua formulação inicial. Naturalmente, retribui sua gentileza e, como era de se esperar, respondi-lhe com reciprocidade.

Com meu colega Jean-François Véran, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aproveitamos da vinda do Alain Caillé ao Rio de Janeiro, em 2013, para organizar, num primeiro momento, um seminário no meu instituto e, depois, numa segunda ocasião, um livro com 25 comentários sobre a sociedade convivial. Sempre que contactei os colegas para pedir uma contribuição breve, porém incisiva, constando de no máximo cinco páginas, responderam com gentileza. Na verdade, o Espírito é contagiante, como já sabia Marcel Mauss. A editora Annablume estava envolvida no projeto desde o início e Thais Aguiar, jovem doutoranda que tinha acabado de concluir uma brilhante tese sobre a demofilia e a demofobia na filosofia política, traduziu o manifesto, sem nada cobrar. Para lhe agradecer por esse trabalho, colocamos seu nome entre os signatários. Quando o Manifesto foi lançado, primeiro no formato de um cartaz colado nas paredes, depois como panfleto, não atraiu muita atenção, pois não havia ninguém para promovê-lo e divulgá-lo.

Isso não constitui um defeito, mas sim uma virtude. O convivialismo é um estado de espírito, um etos, uma prática do dia a dia, e não uma ideologia militante que se alardeia aos quatro cantos. Seu apelo é, simultaneamente, moral, político e existencial. Foi, aliás, essa qualidade moral-ética e

---

1 Email: frederic@iesp.uerj.br

2 Cfr. Caillé, A., Vandenberghe, F. e Véran, J. F. (2016): *Manifesto convivialista (edição brasileira comentada)*. São Paulo: Annablume.

3 Esse texto foi apresentado no 1º Colóquio Convivialista da Universidade de Rennes 2 (2015), organizado por Marc Humbert.

4 Categoria central do pensamento de Marcel Mauss [1872-1950], desenvolvida em *Ensaio sobre a dádiva*. Para Mauss, o *hau* é uma força simbólica, intrínseca ao mundo, imanente às coisas, que impulsiona as operações do dar, do receber, do restituir, constitutivas da totalidade das operações de troca. [Marcel Mauss. Ensaio sobre a dádiva. Em *Sociologia e Antropologia*, segunda parte, pp 183/294; tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. (N.Rs.)

existencial-prática que me encantou e atraiu desde o início. Para ressaltar mais ainda seu peso ético e reforçar os laços com a ética das virtudes formulada por Aristóteles, poderei fazer uso do termo “bom-vivialismo”.

O bom-vivialismo inverte o velho slogan feminista, mas não o anula. Na verdade, a política é pessoal. Se quisermos mudar o mundo, é preciso que comecemos por nós mesmos. Assim, aprendi com Roy Bhaskar, líder do realismo crítico, que afirmava anos antes de morrer, que a única e exclusiva coisa que podemos mudar aqui e agora somos nós mesmos. Começemos por aqui. Proponho, então, uma décima-segunda tese sobre Feuerbach<sup>5</sup>: “Os revolucionários apenas transformaram o mundo. O que importa é transformar os revolucionários para que possamos trabalhar juntos, viver com nossas diferenças e mudar o mundo”.

## II

Retornemos, porém, ao Brasil e ao debate sobre o convivialismo. O fato de sermos ambos expatriados (eu da Bélgica, Jean-François da França) ou *gringos* como somos chamados não facilitou em nada a tarefa. Por mais que tenhamos feito a escolha herética de deixar a velha Europa para, de verdade, nos estabelecermos nos trópicos. Mesmo que, na Europa, a crítica pós-colonial tenha se transformado em uma auto-crítica permanente, sabemos por experiência própria que os brasileiros não gostam de ser interpretados pelas costas ou, menos ainda, de receber lição de moral. Apesar da francofilia exacerbada ainda em voga no Brasil e que, sem dúvida, pode ser explicada pelo exílio dos intelectuais durante o longo período da ditadura (1964-1985), estávamos bem conscientes de que, mais uma vez, o pluriversalismo poderia ser interpretado como um universalismo importado, um paternalismo mascarado. Esse fato, aliás, explica que tenhamos convidado os nossos colegas para o debate e não para uma celebração ou apologia do convivialismo. Para nós, seria importante testar os limites do convivialismo e propor uma leitura simétrica da Europa e da América Latina.

Além disso, devido a uma forte mobilização em junho de 2013 - dois milhões de pessoas na rua - e um clima político bastante tenso, que desde então vem se agravando, resta que, com a crise econômica que eclodiu violentamente no país desde o início do ano, com o escândalo em série da Petrobras e o colapso do Partido dos Trabalhadores no poder, agora é a direita que está nas ruas - o Manifesto soa como algo *soft* e gentil. Os ultras se inspiravam mais em Negri e Hardt do que em Caillé e Morin. O país está agora perigosamente dilacerado e polarizado. Todos clamam à luta e tememos um golpe de Estado, não tanto um golpe militar como em 1964, mas um golpe institucional com o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

O Brasil é um país emergente que pertence ao hemisfério ocidental, mas localizado no *global South*, o chamado Sul Global. As desigualdades entre ricos e pobres são chocantes. Enquanto os ricos se

---

<sup>5</sup> Escritas em 1845 por Karl Marx (1818-1883), as *Teses contra Feurbach* são notas filosófico-críticas sobre o conjunto das práticas filosóficas e materiais, dirigidas principalmente aos jovens hegelianos da época: Bruno Bauer, Max Stirner e Ludwig Feuerbach. Constituem o esboço para o primeiro capítulo de *A ideologia alemã* (1846). Edições brasileiras: Karl Marx. *Teses contra Furbach*. Em Obras Completas, coleção Os Pensadores; tradução José Carlos Bruni (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. Karl Marx, Friedrich Engels. *A ideologia alemã* [1845-1846]; tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano, supervisão editorial Leandro Konder. São Paulo: Boitempo editorial, 2007. (N.Rs.)

instalam em condomínios fechados, os pobres vivem nas favelas, frequentemente controladas por traficantes de drogas e milícias. O Estado não detém o monopólio da violência. A taxa de homicídios está entre as mais altas do mundo. O medo é onipresente. Mas a alegria de viver também. O povo é alegre. As emoções fluem livremente.

Em *Raízes do Brasil*,<sup>6</sup> Sérgio Buarque de Holanda construiu a imagem do homem cordial. Na contramão da ideia do *Homo Clausus* europeu que se autocontrola constantemente, como sabemos desde os escritos de Norbert Elias [1897-1990]<sup>7</sup>, o homem cordial é espontâneo, afetuoso, aberto aos outros e, para o melhor e para o pior, governado pela lei da benevolência. O cordialismo brasileiro é um convivialismo. Em contrapartida, porém, a "democracia racial", teorizada por Gilberto Freyre, constitui também uma ideologia amplamente difundida, que apenas mascara o legado da escravidão e a persistência secular de uma divisão brutal entre a classe dos senhores e a classe dos antigos escravos.

No contexto de uma violência generalizada como essa (estrutural e atual, simbólica e física), não podemos presumir que o convivialismo funcione como em outros lugares. O Rio não é Paris, Recife não é Berlim. Para nos preservarmos de críticas muito apressadas, transformamos a utopia numa ferramenta metodológica, um tipo ideal weberiano que nos permite medir os afastamentos e os desvios da utopia do pensamento. Imaginemos um mundo perfeitamente convivial! Teríamos uma democracia direta, mais participativa do que representativa. A economia seria plural, embutida no mundo vivido, com uma predominância de relações de vizinhança. Todos receberiam uma Bolsa Família, a publicidade seria abolida e substituída por uma agência pública de consumo moderado. As relações sociais não seriam mais regidas pela violência e pela predação, mas pela cooperação e colaboração. As grandes empresas aceitariam de bom grado pagar seus impostos e investir de forma sustentável nos setores sociais, culturais, ambientais. O projeto milenar e universal da "vida boa com e para os outros em instituições justas em um ambiente sustentável" seria finalmente realizado.

O irrealismo evidente de um pensamento utópico como esse salta aos olhos, mas também permite ressaltar múltiplos obstáculos de ordem estrutural, cultural, social, política e existencial que precisariam ser superados para se realizar o advento de uma sociedade decente, com mínima injustiça e máxima felicidade. Em um país pobre, desigual e injusto como o Brasil, onde dois terços da população vivem na miséria e, somente agora, começam a ter acesso a bens básicos, o apelo pós-materialista ao decrescimento revela-se bastante problemático, não podemos impedir as pessoas de sonharem com uma geladeira ou uma moto!

Como premissas de uma doutrina mínima, o Manifesto menciona a humanidade comum, a sociabilidade comum, a individuação e o conflito superado. No Brasil, esses princípios não são evidentes. Não que não sejam reconhecidos, mas entre o ideal e a realidade, há um abismo que não é fácil ultrapassar. Os excluídos, antigos escravos, pobres e negros podem ser mortos por nada. Quando a polícia militar monta uma operação nos bairros pobres contra os "bandidos" ou quando "os bandidos" se matam entre si, a população das pequenas classes médias aplaudem. "Bandido bom é bandido

---

<sup>6</sup> Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). *Raízes do Brasil*. (Nova edição). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (N.Rs.)

<sup>7</sup> Para Norbert Elias, as sociedades humanas são estruturadas em teias de interdependência que dão origem a configurações variadas: famílias, cidades, Estados, Nações. (N.Rs.)

morto”, ouvimos. A sociabilidade comum é certamente um dos pontos fortes do Brasil, mas por falta de um civismo institucionalizado, é também uma das principais fontes da corrupção.

Além disso, ao salientar a sociabilidade sem tematizar as relações estruturais, esbarramos na ideologia da cordialidade. Resta o princípio do individualismo moral e expressivo. Forçados a se adaptarem continuamente às circunstâncias por inovação, os brasileiros os apóiam. Para eles, porém, o indivíduo não é o átomo da sociedade. Não resta dúvida que são as relações sociais que prevalecem. Elas podem ser cordiais, mas também violentas, predadoras, imprevisíveis.

Confesso que endureci um pouco os argumentos. A sociedade civil no Brasil é vibrante. As iniciativas cidadãs se propagam. No livro de comentários que publicamos, a maior parte dos artigos demonstra a pertinência do Manifesto e evoca as iniciativas locais - uma clínica social de psicanálise, uma creche para as crianças, a luta contra o HIV, a economia solidária, etc. - que ilustram bem que o Brasil e suas iniciativas civis e populares constituem um terreno fértil para projetos alternativos de ajuda mútua e solidariedade.

### III

Se os princípios básicos do convivialismo constituem um horizonte no Brasil, na Índia isso não ocorre. A condição humana na Índia é bem mais precária, dura e miserável. A pobreza faz parte da vida. Tal como o lixo, a miséria espalha-se por toda parte. Antes de mais nada, ela é física; embora explicada pela doutrina religiosa do Karma, ela é também metafísica. Se sofremos, é porque merecemos isso numa vida passada. Por isso é difícil fazer as coisas mudarem na Índia. Não que não haja contestação (os movimentos ecológico, feminista e anticasta são fortes), mas como a sociedade em seu conjunto continua a ser estruturada pela religião, seria necessário mudar a religião para poder mudar a sociedade.

Depois que o BJP, o partido da direita radical, fundamentalista e nacionalista, voltou ao poder, com uma agenda desenvolvimentista e hinduísta, teme-se o reaparecimento da violência comunalista. Os extremistas politizam sistematicamente a religião e manipulam as massas. Há três semanas, por exemplo, após um falso rumor de que um muçulmano havia matado uma vaca para comemorar a festa do Eid (festa do sacrifício), Mohammed Akhlaq foi linchado em público por uma multidão de hindus. Como sempre ocorre na Índia, os tumultos violentos entre as comunidades religiosas são cuidadosamente orquestrados por extremistas bem organizados.

Há dez dias discuti o Manifesto em um grupo de leituras no Instituto Francês de Pondichéry. O ambiente era bom, mas os colegas indianos me fizeram compreender que o convivialismo na Índia não é aplicado. Em uma sociedade de castas, a humanidade comum simplesmente não é assegurada. Não é preciso ter lido *Homo Hierarchicus* de Louis Dumont<sup>8</sup> para saber que o sistema de castas é um sistema hierárquico e holista de grupos profissionais, em sua maioria endógamos, que prescreve o status de cada um desde o nascimento e é regulado por princípios religiosos legítimos de pureza e contaminação. Essas regras rejeitam a comensalidade entre as castas inferiores e superiores. Os intocáveis não podem tocar a

---

8 Edição brasileira: Louis Dumont (1911-1998). *Homo hierarchicus*; tradução Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Edusp, 1997. (N.Rs.)

comida das castas superiores, nem fazer parte das suas mesas. Na escola, seus filhos não podem beber água da mesma torneira.

A recusa da comensalidade não é nada mais do que um sinal de uma recusa da humanidade comum. Os intocáveis não estão somente às margens da sociedade e da cidade, mas às margens da humanidade. Quando um brâmane eleito se recusa a falar com os *dalits*<sup>9</sup> porque estes estão sentados em cadeiras na mesma altura que ele – e não no chão como deveriam - o diálogo torna-se impossível. A única maneira de se chegar à discussão, eles me dizem, é pela violência. Primeiro a força, depois nós discutimos. Há pelo menos 50 anos que todos os programas pela erradicação das castas falharam.

O sistema de castas sempre retorna. O sistema político como um todo é instrumentalizado pelas castas. As castas se apropriam do Estado não para enfraquecer o sistema de castas, mas para reforçar seu poder no interior do Estado. O governo no poder, assim como o fundamentalismo hindu, são, antes de mais nada, uma questão das castas superiores. A incitação ao ódio entre as comunidades hindus e não-hindus (muçulmanos, cristãos e sikhs<sup>10</sup>), serve para obstruir a ação das massas. Mesmo a doutrina de Gandhi foi capturada pela direita. O problema com Gandhi é sempre o mesmo: com a espiritualidade, o hinduísmo retorna e com ele, as castas. Seria preciso rever as alianças. Às vezes os sindicatos, às vezes as mulheres conseguem reunir pessoas de diferentes castas em torno de interesses comuns mas é raro e não é evidente. As divisões (de casta, de classe, de gênero, de religião, de região) são múltiplas e as interseções das discriminações pesam mais sobre os que são mais marginalizados.

A discussão com os colegas indianos é fascinante, ainda que ela possa colocar em questão os fundamentos do Manifesto. É, talvez, o preço a pagar para obter uma formulação realmente pluriversalista. A experiência no Brasil nos mostrou que a fórmula do debate é boa. Esforçar-me-ei para fazer o mesmo na Índia, mas talvez, seja necessário transmitir os comentários de um segundo manifesto, escrito pelos próprios indianos. Não sei se conseguirei, mas tentarei. Isso vale a pena.

Tradução: Tatiana Kessedjan

Revisão geral e notas: Edgard de Assis Carvalho, Wanda Costa.

---

9 Termo usado pela primeira vez no final do século XIX. No sistema de castas, os *dalits* são trabalhadores braçais considerados na tradição bramânica como impuros e intocáveis. (N. Rs.)

10 Originário do sânscrito do século XV, o termo Sikh constitui uma religião monoteísta que prega um código de conduta baseado na compreensão mútua e no respeito integral de todos os povos. (N.Rs.)